

Por onde andam as teorias do Antropoceno: Uma revisão de literatura sobre o conceito¹

Amanda Victoria Ferreira²

Ellen Alves³

Matheus Schwab⁴

Palavras-chave

Antropoceno; Estado da Arte; Desastre; Teorias Queer; Comunicação.

Corpo do Texto

Nas Ciências Humanas, e mais precisamente nas Ciências Sociais aplicadas, o termo Antropoceno vem sendo cada vez mais tema de interesse dos pesquisadores desde que ganhou popularidade a partir dos textos seminais de Paul Crutzen (2002) e Eugene Stoermer (2000). Entretanto, diferente de outras áreas, como por exemplo na Geologia e nos Estudos Climáticos, na Comunicação boa parte das discussões giram em torno dos usos da palavra. Indicado por Crutzen (2002) como uma nova era geológica, o conceito “Antropoceno” também aponta para mudanças que uma profunda alteração geológica, causada pela humanidade, pode provocar na forma de gerar lucro na lógica do capitalismo atual (CAVALCANTI, 2021). A disputa em torno dos sentidos de um conceito levanta o questionamento: a quem importa nomear a catástrofe?

O presente trabalho tem como objetivo principal, produzir um levantamento de discussões atuais ao redor das teorias do Antropoceno, dentro do campo da comunicação. A partir desse

¹ Trabalho apresentado no eixo temático 14. Crise climática e antropoceno, meio ambiente, biodiversidade e sustentabilidade do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutoranda em Comunicação, PPGCOM – UERJ. decothe.amanda@posgraduacao.uerj.br

³ Doutoranda em Comunicação em PPGCOM – UERJ, bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa POPMID coordenado pelo prof. Dr. Yuri Garcia e do Laboratório LABIM coordenado pelo prof. Dr. Erick Felinto. Email: ellen2000.a.l@gmail.com

⁴ Doutorando em Comunicação no PPGCOM – UERJ. Email: schwab3p@gmail.com

levantamento, a pesquisa apresentará as convergências entre o Antropoceno e as teorias queer e do desastre.

Dentre muitos cientistas que poderíamos evocar para esta resposta, destacam-se os autores, Donna Haraway e Bruno Latour. Ambos compartilham o ofício de estudar a Ciência e a preferência por teorias, metodologias e práticas de pesquisa não totalizantes, relacionais, guiadas pela investigação de materialidades específicas, no caso de Haraway (2021), e associações, no caso de Latour (2012). Para Haraway (2023): Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais saberes sabem saberes. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundializam mundos. Importa quais histórias contam histórias. Já para Latour (2020a, 2020b), suas reflexões sobre Gaia, terrenos e mundanos exemplificam a preocupação com substantivos, algo que é transversal na obra de ambos os autores.

Justificativa

Se por um lado, o reconhecimento do impacto humano nas mudanças ambientais e a popularização do conceito de Antropoceno foram (e ainda são) essenciais para o avanço das políticas climáticas. Por outro lado, o conceito é a continuidade de uma tradição racionalista, platonista, cartesiana, vitruviana e colonialista que tende a situar o Homem como o centro do universo. Assim, proliferam-se pesquisas e propostas de novos batismos a esta era contemporânea, como por exemplo: Capitaloceno (MOORE, 2022), Plantationceno (TSING *et al*, 2017), Chthuluceno (HARAWAY, 2015) entre outros “cenos”. Estas nomenclaturas alternativas têm em comum o impulso por pensar respostas no presente, de formas mais coletivas e inclusivas. Portanto, este presente estudo busca inserir-se nas discussões antropocêntricas comungando, alinhando-se a estes autores que problematizam a palavra Antropoceno, e conseqüentemente o conceito e seus desdobramentos, para mapear e analisar os debates atualizados sobre o tema nas Ciências da Comunicação. A partir desse levantamento, a pesquisa apresentará as convergências entre o Antropoceno e as teorias queer e do desastre.

Metodologia

O presente trabalho utilizou três metodologias derivadas do paper *A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies* (2009) para alcançar os resultados desejados. A partir do artigo científico a prof. Dra. Raquel Lobão, na oficina *I.A. e Revisão de Literatura* (2024), traduziu três modos de se realizar uma revisão de literatura: narrativa, sistemática e integrativa. A revisão de literatura narrativa é a busca pelo tema de maneira subjetiva, preocupando-se com elementos específicos. A revisão de literatura sistemática envolve o levantamento de dados de maneira organizada e metódica, assim utilizamos a ferramenta de inteligência artificial *Research Rabbit* e organizamos as palavras-chaves encontradas em relação ao Antropoceno, teoria queer, desastre e comunicação. Por fim, a revisão de literatura integrativa analisou as revistas acadêmicas de ciências sociais e da comunicação quali capes A1 e A2 para compreender no campo latino-americano o que está sendo discutido sobre o tema, assim há a mixagem das duas metodologias descritas acima. Desse modo, apresentamos de maneira completa o estado da arte do conceito Antropoceno até o ano de 2025.

Resultados Principais

Um dos resultados centrais desta pesquisa foi a identificação de autores “cânones”, definido no âmbito deste estudo como um conjunto de autores consolidados e influentes na recente tradição de pensamento sobre o Antropoceno nas Ciências Humanas e Sociais. A influência destes intelectuais é aferida pela alta frequência de citações em trabalhos encontrados por meio da revisão de literatura sistemática, utilizando a IA *Research Rabbit*, e da revisão de literatura narrativa. Destacam-se: Donna Haraway, Bruno Latour, Anna Tsing e Ailton Krenak. Com expressiva relevância, figuram também Davi Kopenawa, Isabelle Stengers, Achille Mbembe, Eduardo Viveiros de Castro e Nêgo Bispo. Em uma camada menor de influência, identificou-se a contribuição de Paul Preciado, Vinciane Despret, Boaventura de Souza Santos e Silvia Rivera Cusicanqui para o campo.

O levantamento, a partir das revistas acadêmicas selecionadas, resultou em um *corpus* final de 10 artigos, publicados entre 2019 e 2025. A análise deste material revelou que 68% dos

trabalhos são de autoria feminina e que as discussões se concentram em pesquisadores vinculados à USP, UFF, UFRJ e UERJ, no Brasil, e em centros de pesquisa no Chile, Argentina e Colômbia. Os Objetos de estudo mais recorrentes incluem obras de arte, produções audiovisuais, literatura e videogames, com uma notável preferência pela dimensão sonora em detrimento do visual. Metodologicamente, prevalece a análise de obras, sendo identificada uma lacuna no uso de entrevistas.

A interdisciplinaridade mostrou-se um traço marcante, com diálogos constantes entre a Comunicação e os campos da Literatura, Teorias Feministas, Artes, Educação e Linguagens. que o conceito de Antropoceno é frequentemente mobilizado como: um "contexto" para a compreensão do mundo contemporâneo; uma chave analítica para a reavaliação de teorias da comunicação do século XX; um sintoma de uma crise de informações; e um catalisador para a busca por alternativas a crise do Antropoceno. Identificou-se ainda uma tendência em articular o Antropoceno com estudos sobre materialidades, como por exemplo em estudos sobre o custo energético de inteligências artificiais e os impactos do Antropoceno nas subjetividades. As palavras-chave de maior destaque que emergem na intersecção entre Antropoceno e Comunicação são: colapso, cosmopolítica, meio-ambiente, necropolítica, capitaloceno e multiespécies.

A partir da caracterização de Donna Haraway (2023), sobre os seres que vivem sob o Chthuluceno, encontramos algumas convergências entre o Antropoceno e a teoria queer. Como defendem Paul B. Preciado (2022) e Jack Halberstam (2005), os corpos e identidades queer, ao não se adequarem aos padrões normativos de gênero, são bestializados, transformados em monstros. Ou seja, representam a própria experiência da vida sob o Antropoceno, afirmada por Haraway (2023). Como existências que se constroem no entre, as tecnologias do sexo e infraestruturas cisheteronormativas, funcionam como reafirmadores do corpo queer no lugar do "outro" (PRECIADO, 2022). As teorias queer apresentam alternativas para entender a construção de identidades dentro das lógicas do Antropoceno, considerando aspectos da experiência humana que perpassam questões de âmbitos culturais, mas que mantém a centralidade do corpo como um agente que sofre e causa impactos nessas estruturas.

No que tange à articulação entre desastres ambientais e o Antropoceno, a análise dos trabalhos revelou duas características principais. A primeira é a pluralidade terminológica

empregada para designar fenômenos similares, com os pesquisadores variando as denominações entre: desastre ambiental, desastre socioambiental, tragédia ambiental, evento crítico, catástrofe climática, emergência climática, evento climático e cataclisma. A segunda característica é a ampla influência de duas obras: *No tempo das catástrofes* (2009) de Stengers e *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* (2015) de Tsing. Ambas as publicações orientam o tom dos debates no campo, deslocando a discussão de uma perspectiva estritamente ambiental para uma análise política. Para estas autoras, de certa forma, a própria Política emerge como o desastre fundamental, o colapso primário que agrava o impacto de desastres socioambientais.

Considerações Finais

Para este trabalho buscou-se produzir uma revisão de literatura sobre as teorias do Antropoceno no campo da comunicação, mas destacando pesquisas que são atravessadas pelas teorias queer e do desastre. De acordo com Donna Haraway (2023), o Antropoceno, ou *Chthuluceno*, tem como característica os encontros entre o humano e o não-humano, o orgânico e o tecnológico. A comunicação é um dos campos em que o Antropoceno tem provocado debates, pois tem como objetivo pensar o papel das engrenagens antropocêntricas, seja como uma ferramenta para o aceleração de conflitos que levarão ao colapso, ou a partir do uso dos recursos da comunicação como um meio de mitigar os impactos do Antropoceno.

Referências

CRUTZEN, Paul J. Geology of mankind. **Nature**, Londres, v. 415, n. 6867, p. 23, 3 jan. 2002.

CAVALCANTI 2021 - Antropoceno: a construção discursiva de um conceito Revista Investigações, Recife, v. 34, n. 2, p. 1 - 28, 2021 ISSN Digital 2175-294x -

GRANT, Maria J. Grant; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information and Libraries Journal**. V.26, p91-108. 2009.

HALBERSTAM, J. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives.** New York: New York University Press, 2005

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno.** X. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, D. J. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.
2021 - O Manifesto das espécies companheiras

I.A. REVISÃO DE LITERATURA, 1.; 2024, Rio de Janeiro: **Oficina** [...]. Laboratório de Mídias Digitais.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno.** São Paulo: Ubu Editora, 2020a.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?: como se orientar politicamente no Antropoceno.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

MOORE, J. W. (Org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?: natureza, história e a crise do capitalismo.** São Paulo: Editora Elefante, 2022.

PRECIADO, Paul B.. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se anuncia.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STOERMER, Eugene F.; CRUTZEN, Paul J. The 'Anthropocene'. **IGBP Global Change Newsletter**, Estocolmo, n. 41, p. 17-18, maio 2000.

TSING, Anna L., **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins,** Princeton, Princeton University Press, 2015 (Trad. Bras. JorggeMenna Barreto, Yudi Rafael, São Paulo, N-1 edições, 2022)

TSING, Anna Lowenhaupt et al. (org.). **Arts of Living on a Damaged Planet: ghosts and monsters of the Anthropocene.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017. Disponível em: [<http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctt1qft070>]. Acesso em: 21 ago. 2025.